

## **A QUESTÃO DO TRIBUTO COMO AÇÃO PARABÓLICA DE JESUS**

*The issue of tribute as a parabolic action of Jesus*

*Dr. Claiton André Kunz<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Jesus utilizou diversos métodos de ensino durante o seu ministério, para transmitir sua mensagem. Além de utilizar diversas parábolas, Jesus utilizou também suas ações para ensinar. Chamamos a esta forma de ensino de “ações parabólicas”, que é uma espécie de parábola dramatizada. Estas ações parabólicas, além de terem sido um método didático de Jesus, tornam-se também um gênero literário menor, nos Evangelhos. Em Marcos 12.13-17, encontramos o relato da pergunta feita a Jesus sobre o pagamento do tributo a Cesar e a resposta correspondente. Esta perícopes pode ser considerada um tipo de ação parabólica e, neste caso, qual seria o seu significado? O presente artigo, mediante a exegese do texto de Marcos 12.13-17, destaca a força da ação de Jesus como uma parábola dramatizada.

**Palavras-chave:** Bíblia. Novo Testamento. Jesus. Gêneros literários da Bíblia. Ação parabólica. Tributo. Imposto. Imagem. Deus. Cesar.

### **ABSTRACT**

Jesus used different teaching methods during his ministry to convey his message. In addition to using several parables, Jesus also used his actions to teach. We call this form of teaching “parabolic actions”, which is a kind of dramatized parable. These parabolic actions, in addition to being a teaching method of Jesus, also become a minor literary genre in the Gospels. In Mark 12.13-17, we find the account of the question

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia e Filosofia. Mestre em Novo Testamento (curso livre), Mestre e Doutor em Teologia (Bíblia), pela EST de São Leopoldo. Pós-doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, sob a orientação e supervisão do Dr. Vicente Artuso. Professor e diretor da Faculdade Batista Pioneira, Professor do Mestrado Profissional em Teologia da FABAPAR, Professor Assistente do Mestrado em Ministérios da Carolina University (EUA) e Professor Titular do Mestrado em Estudos Teológicos do Southwestern Baptist Theological Seminary (EUA). ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9550-4627>. E-mail: [claiton@batistapioneira.edu.br](mailto:claiton@batistapioneira.edu.br)

asked to Jesus about paying tribute to Caesar and the corresponding answer. Can this pericope be considered a type of parabolic action and, in this case, what would be its meaning? This article, through the exegesis of the text of Mark 12.13-17, highlights the strength of Jesus' action as a dramatized parable.

**Keywords:** Bible. New Testament. Jesus. Literary genres of the Bible. Parabolic action. Tribute. Tax. Image. God. Caesar.

## INTRODUÇÃO

No período do Novo Testamento, era exigido que as pessoas pagassem um imposto pessoal ao imperador romano. O imposto era altamente impopular e, alguns judeus, de maneira direta, recusavam-se a pagá-lo, acreditando que ao pagar estariam admitindo o direito romano de dominar. Este assunto tornou-se o tema de uma tentativa dos adversários de Jesus, neste episódio relatado por Marcos (12.13-17), representados aqui pelos fariseus e herodianos, de armar uma armadilha para o Mestre.

Desde o Antigo Testamento percebe-se profetas como Isaías, Jeremias, Ezequiel, entre outros, utilizando-se gestos simbólicos (ou proféticos) para reforçar a compreensão e o impacto da sua proclamação. No Novo Testamento, percebe-se que Jesus também fez uso desta metodologia em alguns momentos, para que didaticamente seus interlocutores pudessem compreender melhor sua mensagem. A pergunta norteadora desta pesquisa é: “esta perícopa da questão do tributo pago a Cesar pode ser analisada como uma espécie de ‘ação parabólica’ de Jesus?” Neste caso, qual é o ensino que pode ser apreendido desta perícopa?

Embora a perícopa apareça também em Mateus (12.15-22) e Lucas (20.20-26), será analisada a partir do relato do evangelista Marcos. Vários passos exegéticos serão executados sobre o texto, para buscar responder ao problema proposto.

Inicialmente será feita uma abordagem da perícopa em si: começando com uma visão geral do texto, seguida da delimitação da perícopa para encontrar o início e fim da mesma, evitando-se a quebra da unidade ou a inclusão de outro tema, depois uma verificação da existência de variantes textuais, e terminando com a tradução do texto, analisando palavra por palavra do texto grego.

Na segunda parte, será feita a análise contextual da perícopa, que inclui a verificação do contexto histórico, cultural, político e literário, e com quais elementos cada um destes contextos pode contribuir para a compreensão do texto. Na parte seguinte, será feita uma análise versículo por versículo de Marcos 12.13-17, concatenando todos os elementos anteriores. Finalmente, na última parte, a perícopa será analisada do ponto de vista de uma ação parabólica, buscando-se o seu significado.

## 1. O TEXTO DA QUESTÃO DO TRIBUTO

A perícopa do Evangelho a ser analisada, de Marcos 12.13-17, traz a seguinte descrição da questão do pagamento do tributo, conforme a Nova Versão Internacional:

<sup>13</sup> Mais tarde enviaram a Jesus alguns dos fariseus e herodianos para o apanharem em alguma coisa que ele dissesse.

<sup>14</sup> Estes se aproximaram dele e disseram: “Mestre, sabemos que és íntegro e que não te deixas influenciar por ninguém, porque não te prendes à aparência dos homens, mas ensinas o caminho de Deus conforme a verdade. É certo pagar imposto a César ou não?”

<sup>15</sup> Devemos pagar ou não?” Mas Jesus, percebendo a hipocrisia deles, perguntou: “Por que vocês estão me pondo à prova? Tragam-me um denário para que eu o veja”.

<sup>16</sup> Eles lhe trouxeram a moeda, e ele lhes perguntou: “De quem é esta imagem e esta inscrição?” “De César”, responderam eles.

<sup>17</sup> Então Jesus lhes disse: “Dêem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. E ficaram admirados com ele.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> BÍBLIA. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2000, p. 809-810.

## 1.1 VISÃO GERAL DA PERÍCOPE

A perícope do pagamento do tributo a Cesar é um texto bastante conhecido das Escrituras e foi registrado por Mateus (22.15-22), Marcos (12.13-17) e Lucas (20.20-26). O texto trata de mais uma tentativa dos inimigos de Jesus apanharem o Mestre em alguma contradição.

Estes inimigos, representados neste momento pelos fariseus e herodianos, começaram o diálogo com elogios para tentar encobrir o propósito real e maldoso da pergunta.<sup>3</sup> Estes interlocutores, enviados pelas autoridades a Jesus, apresentam a questão dos odiados impostos do imperador romano, para poder acusar o Mestre politicamente ou, pelo menos, diminuir o seu prestígio diante do povo, dependendo da sua resposta. Estes interlocutores acreditam que “Jesus não terá saída e perderá o seu crédito ou a sua liberdade”.<sup>4</sup>

Entretanto, Jesus confunde os fariseus e herodianos, mostrando a eles que estão completamente envolvidos nas relações financeiras com os romanos. Jesus percebeu claramente a tentativa de engano e os convida a um gesto que os desmascara e os compromete: os fariseus levavam consigo a moeda do tributo”.<sup>5</sup>

## 1.2 DELIMITAÇÃO DO TEXTO

Conforme Silva, em seu manual de “Metodologia de Exegese Bíblica”, a delimitação de uma perícope deve considerar os elementos que indicam um novo início, elementos que indicam o término e os elementos que aparecem ao longo de um texto.<sup>6</sup> Conforme esta classificação, pode-se delimitar a perícope sobre o pagamento do tributo a Cesar dos versos 13 a 17, do capítulo 12 de Marcos, considerando-se as seguintes observações:

**a) Espaço:** o espaço localiza fisicamente a ação e dá noção de movimento; ao mesmo tempo, uma narrativa pode ficar desfocada quando há um deslocamento do tipo partida. Quando no final do versículo 12, Marcos relata que os interlocutores que ouviram a parábola dos lavradores “o deixaram e foram embora”, indica que aquela perícope foi completada e uma nova teria início no versículo 13, quando chegaram agora ao espaço os fariseus e herodianos. Já no versículo 18, o evangelista informa que os saduceus se “aproximaram” de Jesus, dando indicação de que a perícope anterior termina no versículo 17 e nova perícope se inicia na sequência.

**b) Personagens:** no início do versículo 13 surgem “alguns fariseus e herodianos”, que foram enviados para apanhar Jesus em alguma coisa que ele dissesse. Esses personagens não estão presentes na perícope anterior, demonstrando que tratasse aqui do início de um novo episódio. Por outro lado, no versículo 18 surgem os saduceus que não estavam presentes no episódio da pergunta sobre o tributo, indicando que uma nova perícope se inicia e que a perícope em questão de fato termina no versículo 17.

**c) Ação terminal:** segundo Silva, são aquelas ações ou reações decorrentes do episódio narrado.<sup>7</sup> A expressão “e ficaram admirados com ele”, encerra a perícope ao final do versículo 17.

**d) Ruptura do diálogo:** é muito frequente em controvérsias, quando o último a falar é o vencedor. A expressão de Jesus “deem a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus” (v. 17) pode ser vista como uma ruptura de diálogo, ou seja, o clímax da discussão.

**e) Campo semântico:** refere-se a grupo de palavras cujos significados estão relacionados, por terem uma referência comum (tema, ideia, ambiente). No caso desta perícope, pode-se perceber um campo semântico ao redor do termo “tributo”, aparecendo as palavras “imposto”, “César”, “pagar”, “denário”, “imagem” e “inscrição”. Essas palavras não aparecem nos versículos anteriores ou posteriores, o que corrobora na delimitação proposta.

<sup>3</sup> NEVES, Itamir. **Comentário bíblico de Marcos**. São Paulo: RTM, 2008, p. 176.

<sup>4</sup> MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. **Marcos: texto e comentário**. São Paulo: Paulus, 1998, p. 275.

<sup>5</sup> LENTZEN-DEIS, Fritzleo. **Comentario al Evangelio de Marcos: modelo de nueva evangelización**. Estella: Editorial Verbo Divino, 1998, p. 362.

<sup>6</sup> SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 68-78.

<sup>7</sup> SILVA, 2000, p. 73.

Estas indicações contidas no texto deixam claro que a perícopes a ser analisada, de fato, inicia no versículo 13 e termina no versículo 17, do capítulo 12 do Evangelho de Marcos.

### 1.3 CRÍTICA TEXTUAL DO TEXTO

Conforme o texto de Nestlé e Aland<sup>8</sup>, corroborado pela obra “**Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de ‘O Novo Testamento Grego’**”<sup>9</sup>, não há variantes relevantes na perícopes em análise, que demandem estudo específico ou que possam alterar o sentido do texto.

### 1.4 TRADUÇÃO DO TEXTO

Segue a tradução detalhada da perícopes, em forma de tabela para melhor compreensão, conforme texto original de NESTLÉ e ALAND:

<sup>13</sup> Καὶ ἀποστέλλουσιν πρὸς αὐτόν τινας τῶν Φαρισαίων καὶ τῶν Ἡρωδιανῶν ἵνα αὐτὸν ἀγρεύσωσιν λόγῳ.  
<sup>14</sup> καὶ ἐλθόντες λέγουσιν αὐτῷ· διδάσκαλε, οἶδαμεν ὅτι ἀληθὴς εἶ καὶ οὐ μέλει σοι περὶ οὐδενός· οὐ γὰρ βλέπεις εἰς πρόσωπον ἀνθρώπων, ἀλλ’ ἐπ’ ἀληθείας τὴν ὁδὸν τοῦ θεοῦ διδάσκεις· ἔξεστιν δοῦναι κῆρσον Καίσαρι ἢ οὐ; δῶμεν ἢ μὴ δῶμεν;  
<sup>15</sup> Ὁ δὲ εἰδὼς αὐτῶν τὴν ὑπόκρισιν εἶπεν αὐτοῖς· τί με πειράζετε; φέρετέ μοι δηνάριον ἵνα ἴδω.  
<sup>16</sup> οἱ δὲ ἤνεγκαν· καὶ λέγει αὐτοῖς· τίνος ἢ εἰκὼν αὕτη καὶ ἡ ἐπιγραφή; οἱ δὲ εἶπαν αὐτῷ· Καίσαρος.  
<sup>17</sup> Ὁ δὲ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτοῖς· τὰ Καίσαρος ἀπόδοτε Καίσαρι καὶ τὰ τοῦ θεοῦ τῷ θεῷ· καὶ ἐξεθαύμαζον ἐπ’ αὐτῷ.<sup>10</sup>

Cada termo do texto original será analisado a partir da sua classe gramatical, seus diferentes aspectos dentro da referida classe, a forma léxica da palavra e finalmente uma proposta de significado. Ao final desta análise, será proposta uma tradução completa do texto.

V.	Forma no Original	Categ.	Tempo	Modo	Voz	Pes	Gên	Caso	Nº	Forma no Léxico	Tradução
13	Καὶ	Conj	-	-	-	-	-	-	-	καί	E
	ἀποστέλλουσιν	Verbo	Pres	Ind	A	3	-	-	P	ἀποστέλλω	enviam
	πρὸς	Prep	-	-	-	-	-	-	-	πρός	para
	αὐτόν	Pron	-	-	-	3	M	Ac	S	αὐτός	ele
	τινας	Pron	-	-	-	-	M	Ac	P	τις	alguns
	τῶν	Art	-	-	-	-	M	Gen	P	ὁ	dos
	Φαρισαίων	Subst	-	-	-	-	M	Gen	P	Φαρισαῖος	fariseus
	καὶ	Conj	-	-	-	-	-	-	-	καί	e
	τῶν	Art	-	-	-	-	M	Gen	P	ὁ	dos
	Ἡρωδιανῶν	Subst	-	-	-	-	M	Gen	P	Ἡρωδιαῖος	herodianos
	ἵνα	Conj	-	-	-	-	-	-	-	ἵνα	para que
	αὐτόν	Pron	-	-	-	3	M	Ac	S	αὐτός	a ele
	ἀγρεύσωσιν	Verbo	Aor	Subj	A	3	-	-	P	ἀγρεύω	pegassem
	λόγῳ.	Subst	-	-	-	-	M	Dat	S	λόγος	em palavra.
14	καὶ	Conj	-	-	-	-	-	-	-	καί	E
	ἐλθόντες	Verbo	Aor	Part	A	-	M	Nom	P	ἔρχομαι	vindo
	λέγουσιν	Verbo	Pres	Ind	A	3	-	-	P	λέγω	dizem
	αὐτῷ,	Pron	-	-	-	3	M	Dat	S	αὐτός	a ele,
	Διδάσκαλε,	Subst	-	-	-	-	M	Voc	S	διδάσκαλος	Mestre,

<sup>8</sup> NESTLÉ, Erwin; ALAND, Kurt; NESTLÉ, Eberhard; ALAND, Barbara. **Novum Testamentum Graece**. 28. revidierte Aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2016, p. 130.

<sup>9</sup> OMANSON, Roger L.; SCHOLZ, Wilson. **Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de ‘O Novo Testamento Grego’**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010

<sup>10</sup> NESTLÉ; ALAND, 2016, p. 130.

V.	Forma no Original	Categ.	Tempo	Modo	Voz	Pes	Gên	Caso	Nº	Forma no Léxico	Tradução
	οἶδαμεν	Verbo	Perf	Ind	A	1	-	-	P	οἶδα	sabemos
	ὅτι	Conj	-	-	-	-	-	-	-	ὅτι	que
	ἀληθῆς	Adj	-	-	-	-	M	Nom	S	ἀληθῆς	verdadeiro
	εἶ	Verbo	Pres	Ind	A	2	-	-	S	εἰμί	és
	καί	Conj	-	-	-	-	-	-	-	καί	e
	οὐ	Adv	-	-	-	-	-	-	-	οὐ	não
	μέλει	Verbo	Pres	Ind	A	3	-	-	S	μέλω	importa
	σοι	Pron	-	-	-	2	M	Dat	S	σύ	a ti
	περὶ	Prep	-	-	-	-	-	-	-	περί	a respeito
	οὐδενός.	Pron	-	-	-	-	N	Gen	S	οὐδείς	de ninguém;
	οὐ	Adv	-	-	-	-	-	-	-	οὐ	não
	γάρ	Conj	-	-	-	-	-	-	-	γάρ	pois
	βλέπεις	Verbo	Pres	Ind	A	2	-	-	S	βλέπω	olhas
	εἰς	Prep	-	-	-	-	-	-	-	εἰς	para
	πρόσωπον	Subst	-	-	-	-	N	Ac	S	πρόσωπον	a aparência
	ἀνθρώπων,	Subst	-	-	-	-	M	Gen	P	ἄνθρωπος	das pessoas,
	ἀλλ'	Conj	-	-	-	-	-	-	-	ἀλλά	mas
	ἐπ'	Prep	-	-	-	-	-	-	-	ἐπί	em
	ἀληθείας	Subst	-	-	-	-	F	Gen	S	ἀλήθεια	a verdade
	τὴν	Art.	-	-	-	-	F	Ac	S	ὁ, ἡ, τό	o
	ὁδὸν	Subst	-	-	-	-	F	Ac	S	ὁδός	caminho
	τοῦ	Art.	-	-	-	-	M	Gen	S	ὁ, ἡ, τό	de
	θεοῦ	Subst	-	-	-	-	M	Gen	S	θεός	Deus
	διδάσκεις.	Verbo	Pres.	Ind	A	2	-	-	S	διδάσκω	ensinas;
	ἔξεστιν	Verbo	Pres.	Ind	A	3	-	-	S	ἔξεστιν	é permitido
	δοῦναι	Verbo	Aor.	Inf	A	-	-	-	-	δίδωμι	dar
	κῆνσον	Subst	-	-	-	-	N	Ac	S	κῆνσος	imposto
	Καίσαρι	Subst	-	-	-	-	M	Dat	S	Καίσαρ	a César
	ἢ	Conj.	-	-	-	-	-	-	-	ἢ	ou
	οὐ;	Adv.	-	-	-	-	-	-	-	οὐ	não?
	δώμεν	Verbo	Aor.	Subj	A	1	-	-	P	δίδωμι	daremos
	ἢ	Conj.	-	-	-	-	-	-	-	ἢ	ou
	μὴ	Adv.	-	-	-	-	-	-	-	μὴ	não
	δώμεν;	Verbo	Aor.	Subj	A	1	-	-	P	δίδωμι	daremos?
15	ὁ	Art.	-	-	-	-	M	Nom	S	ὁ, ἡ, τό	Ele
	δὲ	Conj.	-	-	-	-	-	-	-	δέ	Mas
	εἰδώς	Verbo	Perf.	Part	A	-	M	Nom	S	οἶδα	conhecendo
	αὐτῶν	Pron.	-	-	-	3	M	Gen	P	αὐτός	deles
	τὴν	Art.	-	-	-	-	-	Ac	S	ὁ, ἡ, τό	a
	ὑπόκρισιν	Subst	-	-	-	-	F	Ac	S	ὑπόκρισις	hipocrisia
	εἶπεν	Verbo	Aor.	Ind	A	3	-	-	S	Λέγω	disse
	αὐτοῖς,	Pron.	-	-	-	3	M	Dat	P	αὐτός	a eles,
	τί	Pron.	-	-	-	-	N	Nom	S	τίς, τί	por que
	με	Pron.	-	-	-	1	-	Ac	S	ἐγώ	me

V.	Forma no Original	Categ.	Tempo	Modo	Voz	Pes	Gên	Caso	Nº	Forma no Léxico	Tradução
	πειράζετε;	Verbo	Pres.	Ind	A	2	-	-	P	πειράζω	tentais?
	φέρετέ	Verbo	Pres.	Imper	A	2	-	-	P	Φέρω	trazei
	μοι	Pron.	-	-	-	1	-	Dat	S	ἐγώ	a mim
	δηνάριον	Subst	-	-	-	-	N	Ac	S	δηνάριον	(um) denário
	ἵνα	Conj.	-	-	-	-	-	-	-	ἵνα	para que
	ἴδω.	Verbo	Aor.	Subj	A	1	-	-	S	ὄράω	eu veja.
16	οἱ	Art.	-	-	-	-	M	Nom	P	ὁ, ἡ, τό	Eles
	δὲ	Conj.	-	-	-	-	-	-	-	δέ	e
	ἤνεγκαν.	Verbo	Aor.	Ind	A	3	-	-	P	φέρω	trouxeram.
	καί	Conj.	-	-	-	-	-	-	-	καί	E
	λέγει	Verbo	Pres.	Ind	A	3	-	-	S	λέγω	diz
	αὐτοῖς,	Pron.	-	-	-	3	M	Dat	P	αὐτός	a eles,
	τίνος	Pron.	-	-	-	3	M	Gen	S	τίς, τί	de quem
	ἡ	Art.	-	-	-	-	F	Nom	S	ὁ, ἡ, τό	a
	εἰκῶν	Subst	-	-	-	3	F	Nom	S	εἰκῶν	imagem
	αὕτη	Pron.	-	-	-	3	F	Nom	S	οὗτος, αὕτη, τοῦτο	esta
	καί	Conj.	-	-	-	-	-	-	-	καί	e
	ἡ	Art.	-	-	-	-	F	Nom	S	ὁ, ἡ, τό	A
	ἐπιγραφῆ;	Subst	-	-	-	-	F	Nom	S	ἐπιγραφή	inscrição?
	οἱ	Art.	-	-	-	-	M	Nom	P	ὁ, ἡ, τό	Eles
	δὲ	Conj.	-	-	-	-	-	-	-	δέ	E
	εἶπαν	Verbo	Aor.	Ind	A	3	-	-	P	λέγω	disseram
	αὐτῷ,	Pron.	-	-	-	3	-	Dat	S	αὐτός	a ele,
	Καίσαρος.	Subst	-	-	-	-	M	Gen	S	Καῖσαρ	de César.
17	ὁ	Art.	-	-	-	-	M	Nom	S	ὁ, ἡ, τό	O
	δὲ	Conj.	-	-	-	-	-	-	-	δέ	e
	Ἰησοῦς	Subst	-	-	-	-	M	Nom	S	Ἰησοῦς	Jesus
	εἶπεν	Verbo	Aor.	Ind	A	3	-	-	S	λέγω	disse
	αὐτοῖς,	Pron.	-	-	-	3	M	Dat	P	αὐτός	a eles:
	τὰ	Art.	-	-	-	-	N	Ac	P	ὁ, ἡ, τό	as (coisas)
	Καίσαρος	Subst	-	-	-	-	M	Gen	S	Καῖσαρ	de César
	ἀπόδοτε	Verbo	Pres.	Imp	A	2	-	-	P	ἀποδίδωμι	dai
	Καίσαρι	Subst	-	-	-	-	M	Dat	S	Καῖσαρ	a César
	καί	Conj.	-	-	-	-	-	-	-	καί	e
	τὰ	Art.	-	-	-	-	N	Ac	P	ὁ, ἡ, τό	as
	τοῦ	Art.	-	-	-	-	M	Gen	S	ὁ, ἡ, τό	de
	θεοῦ	Subst	-	-	-	-	M	Gen	S	θεός	Deus
	τῷ	Art.	-	-	-	-	M	Dat	S	ὁ, ἡ, τό	a
	θεῷ.	Subst	-	-	-	-	M	Dat	S	θεός	Deus.
	καί	Conj.	-	-	-	-	-	-	-	καί	E
	ἐξεθαύμαζον	Verbo	Impf.	Ind	A	3	-	-	P	θαυμάζω	maravilhavam
	ἐπ'	Prep.	-	-	-	-	-	-	-	ἐπί	com
	αὐτῷ.	Pron.	-	-	-	3	M	Dat	S	αὐτός	ele.

Tradução final:

<sup>13</sup> E enviaram a ele alguns dos fariseus e dos herodianos para que o pegassem em alguma palavra.

<sup>14</sup> E vindo eles disseram-lhe: “Mestre, sabemos que és verdadeiro e não te deixas influenciar por ninguém, pois não olhas para a aparência das pessoas, mas ensinas o caminho de Deus conforme a verdade. É permitido dar imposto a César ou não?”

<sup>15</sup> “Daremos ou não daremos?” Mas ele, conhecendo a hipocrisia deles, disse-lhes: “Por que me tentais? Tragam-me um denário para que eu veja”.

<sup>16</sup> E eles trouxeram. E disse-lhes: “De quem é esta imagem e inscrição?” E disseram-lhe: “De César”.

<sup>17</sup> E Jesus disse-lhes: “As coisas de César deem a César e as de Deus (deem) a Deus”. E maravilhavam-se com ele.

## 2. O CONTEXTO DA PERÍCOPE DO TRIBUTO

Para uma melhor compreensão da perícopa sobre o pagamento do tributo, é necessário compreender o pano de fundo desta passagem. Para isso, serão analisados o contexto histórico, o contexto cultural e político, e o contexto literário da passagem.

### 2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA PERÍCOPE

A passagem sobre o pagamento do tributo a Cesar está ligeiramente ligada à cena anterior pela observação de que “enviaram-lhe alguns dos fariseus e herodianos” (v. 13). Estes que os enviaram são os chefes dos sacerdotes e mestres da lei, mencionados em Marcos 11.27, para quem Jesus contou a parábola dos lavradores maus (Mc 12.1-12). A intenção de apanhar Jesus em alguma declaração (v. 13), dá continuidade ao tema expresso no v. 12, de que os principais sacerdotes e outros líderes estavam tentando prender Jesus. Os fariseus e herodianos são, contudo, personagens novos neste contexto. Os saduceus na passagem seguinte sobre a ressurreição (Mc 12.18-27), e de um escriba na perícopa sobre o maior mandamento (Mc 12.28-34), demonstra que Jesus era capaz de se manter firme e superar no debate os principais grupos de autoridade entre o povo judeu da época.<sup>11</sup>

Bortolini lembra que a dupla de fariseus e herodianos já havia aparecido juntos em Marcos 3.6 e que foram os primeiros a planejar um atentado contra Jesus. Entretanto, aquela situação aconteceu na Galileia, no território de Herodes. Estranhamente, esses dois grupos estão também em Jerusalém (território governado por Pilatos), novamente “unidos” numa causa comum, ou seja, apanhar Jesus no campo da dominação estrangeira. Bortolini lembra ainda que fariseus e partidários de Herodes normalmente não seguiam a mesma cartilha.<sup>12</sup>

Como a água e o vinagre, assim são os fariseus e os herodianos – os primeiros suspeitos de Roma e os outros colaboradores muito próximos do Império – Jesus, seu inimigo comum, faz com que suavizem as asperezas e se concentrem em se desfazer dele.<sup>13</sup>

Mateos e Camacho concordam com esta análise, afirmando que os fariseus são anti-romanos, enquanto os herodianos aceitavam um tetrarca aliado de Roma, ou seja, são colaboracionistas. Como já estavam há muito tempo tentando acabar com Jesus (3.6), agora simulam um desacordo na questão do tributo para apanhar Jesus em suas palavras.<sup>14</sup>

Para Pohl, os herodianos desempenhavam na Galileia um papel semelhante aos saduceus em Jerusalém, abrindo as portas aos romanos (Mc 3.6). Provavelmente estão em Jerusalém acompanhando seu governador (Herodes), que viera para a festa (Lc 23.7). Estranha é somente a harmonia com os fariseus, que não tinham nenhuma simpatia pelos romanos. Contudo, a hostilidade contra Jesus uniu muita gente (Lc 23.12).<sup>15</sup>

<sup>11</sup> COLLINS, Adela Yarbro. **Mark**: a critical and historical commentary on the Bible. Minneapolis: Fortress, 2007, p. 550.

<sup>12</sup> BORTOLINI, José. **O evangelho de Marcos**: para uma catequese com adultos. São Paulo: Paulus, 2003, p. 222.

<sup>13</sup> ÁLVAREZ, Eliseo Pérez. **Marcos**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2007, p. 109-110.

<sup>14</sup> MATEOS; CAMACHO, 1998, p. 275.

<sup>15</sup> POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos**. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998, p. 242.

## 2.2 CONTEXTO CULTURAL E POLÍTICO

O imposto a Roma nem sempre foi pago de forma pessoal. Pohl esclarece sobre como este processo surgiu:

Em consequência de sua política servil a Roma, Herodes o Grande tinha obtido para a terra judaica a posição de Reino “amigo”. Diferente de províncias conquistadas, ali não havia forças de ocupação, o sistema judicial era próprio, a administração dos impostos autônoma e seus moradores não eram obrigados a pagar o imposto pessoal, o tributo dos súditos. Depois da morte de Herodes no ano 4 a.C. as regiões que ficaram sob o governo dos seus filhos tinham privilégios semelhantes. Somente Arquelau, em seus domínios constituídos de Judeia, Samaria e Idumeia, governou de maneira tão terrorista que Roma o depôs depois de 10 anos (ano 6), e a região inquieta passou a sentir o gosto da forma mais severa de dependência de Roma. Ela foi submetida a um procurador romano e perdeu os privilégios citados. Isso incluiu a instituição do imposto por pessoa, que tinha de ser pago com a mesma moeda de prata do restante do império.<sup>16</sup>

Evans comenta que após a remoção de Arquelau em 6 EC, Judas, o Galileu, exortou os judeus a não pagarem tributos romanos e incitou uma revolta (cf. Josefo). Um acontecimento como este e as paixões que despertou ainda teriam sido sentidas vinte e cinco anos depois, quando Jesus foi questionado sobre a sua opinião sobre se deveria pagar impostos a César.<sup>17</sup>

Na língua grega existem vários termos utilizados para expressar a ideia de impostos ou tributos. Há os termos *στατήρ* (*stater*), ‘státer’, moeda de prata que valia quatro dracmas; *διδραχμιον* (*didrachmon*), ‘dracma dupla’, ‘moeda de duas dracmas’, que valia cerca de meio siclo entre os judeus; *κῆνσος* (*kensos*), ‘imposto’, ‘taxa per capita’; *τελέω* (*teleo*), ‘pagar’; *τέλος* (*telos*), ‘imposto’, direitos alfandegários; *φόρος* (*phoros*), ‘imposto’, ‘tributo’.<sup>18</sup>

Lucas utiliza a palavra *phoros* (Lc 20.22), que abrange vários tipos de impostos. Entretanto, Marcos utiliza um estrangeirismo do latim para expressar a ideia de imposto, utilizando o termo *kensos*, que identificava o imposto pessoal pago específica e diretamente ao imperador. Em alguns manuscritos posteriores a palavra era substituída pelo termo *epikephalaion*, “imposto por cabeça”, que era recolhido anualmente com o mesmo valor para cada pessoa e com uma moeda específica, a moeda do censo (Mt 22.19), o denário.<sup>19</sup> Confirmando esta informação,

O imposto *pro capite*, em latim *census*, diferentemente das outras taxas diretas e indiretas, consistia numa moeda romana que todos os judeus, exceto crianças e velhos, deviam pagar ao império, como sinal tangível da sujeição. Para a mentalidade judaica, que associava intimamente a liberdade religiosa à política, a questão do imposto ao império tinha também um aspecto fortemente religioso.<sup>20</sup>

Pohl esclarece que o denário ocupava um lugar importante na economia e no comércio da Palestina. Os trabalhadores recebiam o denário como salário de um dia de trabalho (Mt 20.1-10), hóspedes pagavam suas contas com ele (Lc 10.35), fregueses pagavam seu pão no mercado (Mc 6.37), e os cambistas o aceitavam no pátio do templo (Mc 11.15). O mesmo autor afirma ainda: “quando se tratava de negócios, as pessoas viviam com a moeda e o imperador... De repente, porém, na hora de pagar o imposto pessoal, eles se lembraram que pertenciam a Deus, e ficaram com problemas de consciência”.<sup>21</sup>

## 2.3 CONTEXTO LITERÁRIO

A perícopes do pagamento do tributo encontra-se no contexto da atuação de Jesus em Jerusalém, já na sua última semana antes paixão. Segundo Mauerhofer, pode-se estruturar o Evangelho de Marcos da seguinte maneira:

<sup>16</sup> POHL, 1998, p. 241.

<sup>17</sup> EVANS, Craig A. **Mark 8:27 – 16:20**. Nashville: Thomas Nelson, 2000, p. 246.

<sup>18</sup> COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Edit.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1011.

<sup>19</sup> POHL, 1998, p. 240.

<sup>20</sup> BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos**. Tradução de Jaldemir Vitorio e Giovanni di Biasio. São Paulo: Loyola, 1990, p. 561.

<sup>21</sup> POHL, 1998, p. 243.

### 1. Preparação da atuação de Jesus (Mc 1.1-13)

### 2. Atuação de Jesus na Galileia (Mc 1.14 – 6.6)

2.1 Jesus em Cafarnaum e adjacências (Mc 1.14-45)

2.2 Amor redentor e restaurador de Jesus e primeiras controvérsias com seus adversários (Mc 2.1 – 3.6)

2.3 Atuação subsequente e conflitos Ajuntamento do povo e curas (Mc 3.7-35)

2.4 Parábolas (Mc 4.1-34)

2.5 Atos milagrosos e rejeição (Mc 4.35 – 6.6)

### 3. Jesus em peregrinação (Mc 6.7 – 10.52)

3.1 Andanças pela Galileia e adjacências (Mc 6.7 – 9.50)

3.2 Peregrinação da Galileia para Jerusalém (Mc 10.1-52)

### 4. Jesus em Jerusalém (Mc 11.1 – 15.47)

4.1 Atuação de Jesus em Jerusalém (Mc 11.1 – 13.37)

4.2 Paixão de Jesus (Mc 14.1 – 15.47)

4.3 A ressurreição de Jesus e a incumbência missionária (Mc 16.1 – 20)<sup>22</sup>

Dentro da atuação de Jesus em Jerusalém (4.1), há uma série de acontecimentos importantes, a saber:

- Entrada de Jesus em Jerusalém (Mc 11.1-11);
- Jesus amaldiçoa a figueira (Mc 11.12-14);
- A purificação do templo (Mc 11.15-19);
- Diálogo sobre a figueira ressequida (Mc 11.20-26);
- Pergunta pela autoridade de Jesus (Mc 11.27-33);
- A parábola dos maus vinhateiros (Mc 12.1-12);
- A pergunta dos fariseus (impostos para o imperador) (Mc 12.13-17);
- A pergunta dos saduceus (ressurreição) (Mc 12.18-27);
- A pergunta acerca do maior mandamento (Mc 12.28-34);
- Uma réplica de Jesus (Filho de Davi ou Senhor) (Mc 12.35-37);
- Palavras de Jesus contra os escribas (Mc 12.38-40);
- A moedinha da viúva (Mc 12.41-44);
- Discurso de Jesus sobre sua volta (Mc 13.1-37).<sup>23</sup>

Internamente, a perícopes pode ser dividida em: a) introdução, b) corpo, c) conclusão. A *introdução* de Marcos é breve, informando sobre o envio de um comitê de fariseus e herodianos para pegar Jesus em suas palavras. A *conclusão* é igualmente breve, consistindo na reação dos interlocutores de Jesus que ficaram maravilhados. E o *corpo* do parágrafo consiste no diálogo, com as perguntas e respostas.<sup>24</sup>

Nesta perícopes sobre o pagamento de impostos a César, Marcos primeiro expõe uma conspiração para fazer Jesus tropeçar em seu discurso (v. 13) e depois cita a pergunta destinada a fazê-lo tropeçar (v. 14). Na segunda metade da perícopes, Marcos mostra a visão de Jesus através da trama (v. 15ab), cita sua resposta (v. 15c-17b) e observa a admiração que conquistou por isso (v. 17c). Sua resposta subdivide-se em um pedido para ver um denário (v. 15c), a entrega de um denário (v. 16a), sua pergunta a respeito dele (v. 16bc), a resposta à sua pergunta (v. 16d) e seu

<sup>22</sup> MAUERHOFER, Erich. *Uma introdução aos escritos do Novo Testamento*. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Vida, 2010, p. 118-121.

<sup>23</sup> MAUERHOFER, 2010, p. 120.

<sup>24</sup> HENDRIKSEN, William. *New Testament commentary: the gospel of Mark*. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1976, p. 479-480.

comentário (v. 17ab).<sup>25</sup>

### 3. A ANÁLISE DA PERÍCOPE DO TRIBUTO

O texto inicia com a expressão de que “**enviaram a ele (Jesus) alguns dos fariseus e dos herodianos**”. Como visto anteriormente, são dois grupos com seus próprios interesses, mas que se uniram por uma causa em comum, ou seja, apanhar Jesus em alguma contradição. Não está claro por quem foram enviados, mas pode-se subentender que sejam os chefes dos sacerdotes mencionados em Marcos 11.27, para quem Jesus contou a parábola dos lavradores maus (Mc 12.1-12) na sequência.<sup>26</sup>

Eles foram enviados “**para que o pegassem em alguma palavra**”. Sobre o verbo ἀγρεύσωσιν, que é um aoristo subjuntivo do verbo ἀγρεύω, Rienecker afirma que o termo traz a ideia de “capturar através da caça ou pesca”.<sup>27</sup> Nas palavras de Schniewind, “querem induzi-lo a dizer uma frase que se lhe transforma em armadilha na qual o irão pegar”.<sup>28</sup>

Elaboram, desta forma, uma pergunta que não tinha saída. Qualquer resposta seria um laço para Jesus. Adotaram assim uma outra estratégia, não questionando diretamente sobre sua autoridade para ensinar, como fora feito anteriormente (Mc 11.28), mas reconhecem Jesus como “mestre” (v. 14, 19, 32), para comprometê-lo com o que ele disser.<sup>29</sup>

O elogio dos adversários, chamando Jesus de “Mestre” (Διδάσκαλε) é cheio de sutilezas. Eles afirmam: “sabemos que és verdadeiro e não te deixas influenciar por ninguém, pois não olhas para a aparência das pessoas, mas ensinas o caminho de Deus conforme a verdade”.

Pohl lembra que os interlocutores de Jesus são diferentes do que Nicodemos, que disse palavras muito semelhantes: “Mestre, sabemos que ensinas da parte de Deus, pois ninguém pode realizar os sinais miraculosos que estás fazendo, se Deus não estiver com ele” (Jo 3.2).<sup>30</sup> A diferença é que Nicodemos tinha um desejo sincero de aprender, enquanto os fariseus e herodianos estavam longe disso. Eles mesmos, pouco antes do episódio do pagamento do tributo, haviam afirmado, de cara limpa, “não sabemos!” (Mc 11.33).

Sobre este elogio a Jesus como Mestre e que ensina o caminho de Deus de acordo com a verdade, Schniewind esclarece:

‘Caminho’ é o termo constante para instrução ética. A vida ética é comparada a um caminho pelo qual se ‘anda’. ‘Verdade’ significa confiabilidade: Jesus não irá torcer a verdade daquilo que é juízo de Deus, por medo dos homens.<sup>31</sup>

Na expressão “não olhas para a aparência das pessoas”, é usada a palavra grega πρόσωπον que literalmente significa “rosto”. Pohl afirma que a expressão se explica pela saudação reverente dos orientais, em que a pessoa curva o rosto humildemente ou até se ajoelha, à espera que o outro levante seu rosto e olhe em seus olhos, em sinal de boa vontade (por exemplo, Gn 32.20).<sup>32</sup> Neste sentido, Deus não olha os rostos (aparência), isto é, não faz acepção de pessoas. Joel Marcus acrescenta:

No contexto semítico, “rosto” é sinônimo de aparência, dignidade ou identidade de uma pessoa, e “receber o rosto” significa mostrar parcialidade.

Em outros lugares, porém, Marcos usa semitismos livremente...

O “olhar para o rosto” de Marcos, em vez disso, pode ecoar conscientemente 1 Sam 16:7: “Porque Deus não vê (opsetai) como um ser humano olha (emblepsetai); pois um ser

<sup>25</sup> GUNDRY, Robert H. **Mark**: a commentary on his apology for the cross. Grand Rapids: Eerdmans, 1992, p. 692.

<sup>26</sup> COLLINS, 2007, p. 550.

<sup>27</sup> RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento grego**. Tradução de Gordon Chown e Júlio P. Tavares Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1988, p. 91.

<sup>28</sup> SCHNIEWIND, Julius. **O evangelho segundo Marcos**. Tradução de Ilson Kayser. São Bento do Sul: União Cristã, 1989, p. 171.

<sup>29</sup> POHL, 1998, p. 242.

<sup>30</sup> POHL, 1998, p. 242.

<sup>31</sup> SCHNIEWIND, 1989, p. 174.

<sup>32</sup> POHL, 1998, p. 240.

humano olha (opsetai) para o rosto (prosopon), mas Deus olha para o coração”.<sup>33</sup>

Depois do elogio, com intenções ocultas, os fariseus e herodianos apresentam seu questionamento em forma de duas perguntas: **“É permitido dar imposto a César ou não? Daremos ou não daremos?”**

Como se vê, a pergunta feita a Jesus não foi formulada para saber a verdade e realizar as consequências dessa verdade; trata-se, abertamente, de uma “tentação hipócrita” para fazê-lo cair ou no desfavor do povo nas mãos do poder.<sup>34</sup>

Pohl lembra que a pergunta “é lícito?” (ou “é permitido?”) normalmente iniciava, entre os judeus, um debate sobre a vontade de Deus em determinada questão, subentendendo: *Deus permite?* (cf. Mc 3.4).<sup>35</sup> A discussão era válida porque Deus poderia proibir o que a lei do estado ordena.

A questão, quando surge, é em termos do que é “permitido” (ἐξεστιν). Todos os usos anteriores de ἐξεστιν por Marcos (2.24,26; 3.4; 6.18; 10.2) referiram-se ao que é permitido pela lei divina, seja a do AT diretamente ou a atual interpretação dos escribas do AT. Quando o assunto em discussão é um assunto que não só é permitido, mas obrigatório sob a lei da ocupação romana, formular a questão em termos do que “é permitido” é sugerir a possibilidade de um conflito entre a lei divina e a lei humana. Convida Jesus a reivindicar a sanção divina por se opor ao governo humano. A questão já pressupõe, portanto, a ideologia dos zelotes de uma oposição fundamental entre César e Deus.<sup>36</sup>

O evangelista faz a esta altura uma constatação: **“Mas ele, conhecendo a hipocrisia deles, disse-lhes”**... Enquanto Marcos traz essa expressão, Mateus afirma “conhecendo a malícia deles” (Mt 22.18) e Lucas usa “compreendendo a astúcia deles” (Lc 20.23). Cada uma dessas palavras joga luz sobre o espírito e a atitude dos interlocutores de Jesus. Eram astutos, enganadores, bons atores, porém não conseguiram envolver Jesus.<sup>37</sup>

Bortolini lembra que Jesus começa a ensinar chamando-os de hipócritas, ou seja, “bons artistas que representam sem ser”. A hipocrisia deles é desmascarada quando Jesus lhes pede para trazer uma moeda do imposto e eles a têm no bolso. Isso deveria arrepiar um judeu fervoroso, mas parece que era tranquilamente aceito pelos “piedosos artistas”.<sup>38</sup>

**“Por que me tentais? Tragam-me um denário para que eu veja”**, é a reação de Jesus. Ele sabe que os seus adversários têm pouco interesse em encontrar uma resolução para esse assunto sensível que divide a nação. “Assim, ele lhes dá uma oportunidade para refletirem sobre a hipocrisia (7.6) da pergunta deles”.<sup>39</sup>

Jesus usa a expressão πειράζετε (testar, provar, tentar). Bortolini é da opinião de que o gesto dos fariseus e herodianos (*tentar*) é diabólico. É o mesmo verbo usado para descrever que o Diabo pôs Jesus à prova (Mc 1.13). Outras investidas dos fariseus também usam a mesma expressão (8.11 e 10.2). Eles acabam sendo tão sutis no trato com Jesus, chamando-o de mestre e elogiando seu ensinamento, mas sua finalidade é outra: apanhar Jesus em uma armadilha.<sup>40</sup>

Sobre o pedido de Jesus para que trouxessem uma moeda, Pohl esclarece:

Concluir disso que Jesus era pobre e não tinham nenhum denário (Grundmann, p. 327) ultrapassa os limites do texto. No caixa comunitário pelo menos uma vez parece ter havido 200 denários (6.37). Nesta altura, porém, é importante que os próprios que fazem a pergunta tenham um consigo. Da mesma forma Jesus não está dizendo que gostaria de conhecer

<sup>33</sup> MARCUS, Joel. **Mark 8 – 16: a new translation with introduction and commentary**. New Haven and London: Yale University Press, 2009, p. 816.

<sup>34</sup> BECK, T.; BENEDETI, U.; BRAMBILLASCA, G.; CLERICI, F.; FAUSTI, S. **Uma comunidade lê o Evangelho de Marcos**. Brasília: CNBB, 2019, p. 622.

<sup>35</sup> POHL, 1998, p. 243.

<sup>36</sup> FRANCE, R. T. **The gospel of Mark: a commentary on the Greek text**. Grand Rapids: Eerdmans, 2002, p. 468.

<sup>37</sup> ROBERTSON, Archibald Thomas. **Imágenes verbales en el Nuevo Testamento: Mateo y Marcos**. Terrassa (Barcelona): CLIE, 1988, vol. 1, p. 375.

<sup>38</sup> BORTOLINI, 2003, p. 223.

<sup>39</sup> MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos: introdução e comentário**. Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 182.

<sup>40</sup> BORTOLINI, 2003, p. 222.

a tal moeda. Ele a conhecia muito bem, mas sua intenção era que *eles* aprendessem algo, aprendessem a conhecer a si mesmos.<sup>41</sup>

O Evangelista afirma então: “**E eles trouxeram**”. Com este ato, Jesus desmascarou aos fariseus e herodianos, e aos que estavam por detrás deles, mostrando que eram cúmplices da ordem econômica pagã de Cesar, evidenciando assim a falta de credibilidade da sua pergunta. Em outras palavras: “como pode indignar-se quem faz o que critica?”<sup>42</sup>

Jesus faz então a seguinte pergunta: “**De quem é esta imagem e inscrição?**” Para imagem, é utilizada a palavra grega εἰκών. Coenen e Brown explicam que esta palavra pode ser traduzida por “imagem, semelhança, forma e aparência”. Entre as palavras hebraicas desse campo semântico, *eikon* é utilizado para traduzir principalmente a palavra *selem*, usada em Gênesis 1.26-27, 5.1,3 e 9.6, quando se afirma que o ser humano foi criado à imagem (*eikon*) de Deus. Em 2 Coríntios 4.4 e Colossenses 1.15, declara-se que Cristo é a imagem ou semelhança de Deus, utilizando-se o mesmo termo grego. Também quando Paulo fala que somos transformados agora à imagem de Cristo (2Co 3.18), utiliza-se o mesmo termo.<sup>43</sup> Lown e Nida corroboraram com esta ideia, afirmando que εἰκών é “aquilo que tem a mesma forma de outra coisa, semelhança”.<sup>44</sup>

Sobre a imagem e inscrição na moeda, Pohl informa que

O denário de prata que o imperador Tibério (14-37) mandou cunhar estava difundido até na Índia e tem sido encontrado em grandes quantidades. Seu diâmetro é de 18 mm, seu poder de compra correspondia a um dia de trabalho (Mt 20.2-13). A frente traz o imperador representado como um deus, com a inscrição: “Imperador Tibério, filho do divino Augusto, digno de adoração”. O verso continua com a lista de títulos: “Supremo sacerdote”, e a rainha-mãe está sentada em um trono divino, como encarnação da paz celestial.<sup>45</sup>

Eles então respondem à pergunta de Jesus, afirmando que a imagem e a inscrição são: “**De César**”. Ou sejam, sabiam muito bem que a moeda da qual estavam questionando, era a mesma com a qual negociavam constantemente. Assim que Jesus os trouxe à realidade, podia agora arrematar afirmando categoricamente: “**As coisas de César deem a César e as de Deus (deem) a Deus**”.

Sobre este pagamento do tributo a Cesar, Mulholland afirma que

Ele (Jesus) não responde à pergunta deles, “Devemos pagar (*didomi*)?” Antes ele ordena, Dai (*apodidomi*, “*devolvi*”); a implicação é de que o tributo é uma dívida. Embora isso não seja equivalente a dizer, “Sim, paguem o imposto”, ele reconhece que o imperador tem direitos e que o cidadão tem deveres para com o governo em troca dos benefícios recebidos (por exemplo, os judeus beneficiam-se da pax romana). Em resumo, ele está dizendo que tudo o que traz a inscrição de César é dívida para com César.<sup>46</sup>

Rienecker confirma que a grega ἀπόδοτε, que é um aoristo imperativo de ἀποδίδωμι, tem a ideia de “dar de volta, pagar”. Ou seja, o verbo composto (com a preposição ἀπό) subentende que o tributo é uma dívida.<sup>47</sup> Assim, enquanto os fariseus e herodianos falaram em “*pagar*” (v. 14), como se esse dinheiro fosse deles, Jesus os corrige e fala em “*devolver*”, indicando-lhes que o dinheiro nem era deles, mas de Cesar; ou seja, o que é de Cesar, devolvi-o a Cesar.<sup>48</sup>

Este conceito está em sintonia com o que Paulo vai ensinar mais adiante, quando afirma: “Dêem a cada um o que lhe é devido: Se imposto, imposto; se tributo, tributo; se temor, temor; se honra, honra.

<sup>41</sup> POHL, 1998, p. 243.

<sup>42</sup> LENTZEN-DEIS, 1998, p. 363.

<sup>43</sup> COENEN; BROWN, 2000, p. 1002-1003.

<sup>44</sup> LOWN, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico grego-português do Novo Testamento**: baseado em domínios semânticos. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 525.

<sup>45</sup> POHL, 1998, p. 240.

<sup>46</sup> MULHOLLAND, 1995, p. 183.

<sup>47</sup> RIENECKER, 1988, p. 91.

<sup>48</sup> MATEOS; CAMACHO, 1998, p. 227.

Não devam nada a ninguém, a não ser o amor de uns pelos outros, pois aquele que ama seu próximo tem cumprido a lei” (Rm 13.7-8).

Ainda pode-se observar que Jesus utiliza a expressão τὰ Καίσαρος. O artigo neutro plural τὰ traduzido por “as coisas” denota que Jesus generaliza, como que dizendo “*tudo* o que é de Cesar”. Não se trata apenas da moeda do imposto, mas parece que falou de um reconhecimento fundamental do imperador como governante do país.<sup>49</sup>

Mas ainda há uma expressão acrescentada por Jesus à sua resposta: “deem a Deus o que é de Deus”. Aparentemente, esta última parte da resposta nem seria necessária para a pergunta do debate. Bastaria a compreensão de que se a moeda é do imperador, deve ser dada a ele. No entanto, é nessa última parte que reside a questão principal que está por trás do todo.<sup>50</sup>

“E a Deus o que é de Deus”, diz Jesus, completando sua resposta. Não há dúvida de que ele pretende recordar aos fariseus que “Deus criou o homem à sua imagem” (Gn 1.26). Tudo o que tem a imagem de Deus pertence a ele, o Sustentador da vida e da fonte de toda boa coisa (Rm 14.7-12; Tg 1.17).<sup>51</sup>

Concluindo, o evangelista fecha o relato com a expressão: “**E maravilhavam-se com ele**”. Sentiram a força da verdade, que os atingiu no âmago, e nada mais tiveram a falar sobre este assunto.

#### 4. A AÇÃO PARABÓLICA E SEU SIGNIFICADO

Para finalizar a análise da perícopes, pretende-se situá-la dentro dos gêneros literários. A Bíblia apresenta inúmeras formas literárias. Diversos autores classificam essas formas em gêneros maiores e gêneros menores. Dentre os gêneros menores encontram-se o que chamaremos aqui de **ações parabólicas**. Gustav Stählin afirma que “as ações de caráter parabólico e as parábolas pertencem à *mesma família*”.<sup>52</sup> Krüger e Croatto também analisam as parábolas e as ações parabólicas dentro do chamado *gênero parabólico*.

Jesus ensinou boa parte do seu ministério, utilizando o método didático das parábolas.<sup>53</sup> Mas também existem inúmeras ocasiões nos Evangelhos onde o ensino de Jesus foi mediado através de ações, que são aqui chamadas de **ações parabólicas**. Nestas ocasiões, a ação de Jesus não foi simples ilustração para auxiliar a expressão verbal, mas o ensino, que era não verbal, estava contido na própria ação. A ação de Jesus, nestes casos, era geralmente cuidadosamente planejada. Algum comentário verbal ou explicação podia vir a seguir, mas a própria ação era parabólica e significava o ensino pretendido.<sup>54</sup> Quanto a estas ações, Fohrer afirma que na área da literatura elas encontram seu paralelo não na alegoria, mas na parábola.<sup>55</sup>

Wegner também afirma que “as ações parabólicas não são parábolas narradas, e, sim, veiculadas através de certas ações. Trata-se de ações por meio das quais se procura transmitir uma determinada mensagem. Algumas ações parabólicas vêm acompanhadas da respectiva interpretação, outras necessitam ser decifradas”.<sup>56</sup>

Quando Stählin afirma que as ações de caráter parabólico e as parábolas pertencem à mesma família, explica que “elas têm em comum que, com uma ilustração, uma verdade é apresentada, e que escondem uma ou mais realidades ou verdades e, ao mesmo tempo, as tornam manifestas”. Também, a ação parabólica reforça algo, que preliminarmente é visto, dando mais ênfase, mais especificidade, do que se fosse falado/

<sup>49</sup> POHL, 1998, p. 244.

<sup>50</sup> SCHNIEWIND, 1995, p. 173.

<sup>51</sup> MULHOLLAND, 1995, p. 183.

<sup>52</sup> STÄHLIN, G. Die Gleichnishandlungen Jesu. In: **Kosmos und Ekklesia**: Festschrift fuer Wilhelm Staehlin zu seinem siebzigsten Geburtstag. 24/09/1953. Tradução de Heinz Dietrich Wendland. Kassel: Johannes Stauda Verlag, 1953, p. 10.

<sup>53</sup> Sugere-se a leitura do livro: KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2022. Nesta obra são analisadas 42 parábolas de Jesus.

<sup>54</sup> STEIN, Robert H. **The method and message of Jesus' teachings**. Philadelphia: Westminster, 1978, p. 25.

<sup>55</sup> FOHRER, Georg. O gênero dos relatos sobre atos simbólicos dos profetas. In: **PROFETISMO**: coletânea de estudos. São Leopoldo: Sinodal, 1985, p. 85.

<sup>56</sup> WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. 2.ed. São Leopoldo e São Paulo: Sinodal e Paulus, 2001, p. 211.

pregado sem ilustração.<sup>57</sup>

Ballarini considera que as ações parabólicas “exprimem uma determinada realidade ou verdade com extrema evidência, bastando poucas palavras, as quais ordinariamente acompanham a ação, para nos dar o seu significado”.<sup>58</sup>

Assim como a parábola relatada não é simplesmente uma ilustração de uma verdade, mas é a própria mensagem que era proferida, também a ação parabólica vem a ser a própria mensagem do profeta ou de Cristo. Portanto, não é apenas um meio de proclamação, mas a própria proclamação.

A perícopes analisada nesta pesquisa (Mc 12.13-17) pode ser classificada como uma **ação parabólica**, pois atende aos critérios e características presentes nesse gênero literário.<sup>59</sup> Desta forma, será feita aqui esta identificação:

a) **Estilo**: a ação parabólica apresenta, via de regra, uma mescla de *narrativa* e *diálogo*. Há sempre um relato inicial, apresentando a situação e, em seguida, uma interação entre os personagens apresentados. Isto pode ser visto, por exemplo, na perícopes da questão do tributo (narrativa – Mc 12.13,14a; diálogo – Mc 12.14b-17a; narrativa – Mc 12.17b).

b) **Pessoa gramatical**: a partir da divisão (apresentada acima) em narrativa e diálogo, percebe-se que na ação parabólica a terceira pessoa é predominante na narrativa, e a interação entre primeira e segunda pessoa é apresentada no diálogo. Embora isto seja um tanto óbvio, é um aspecto característico da ação parabólica. Como exemplo, podemos citar o relato do lava-pés: na parte narrativa, em apenas 5 versículos aparece 9 vezes o pronome pessoal de terceira pessoa *αὐτός* e 9 vezes os verbos estão em terceira pessoa. Já no diálogo, os pronomes de primeira e segunda pessoa aparecem 3 vezes e 10 vezes os verbos estão em primeira e segunda pessoa.

c) **Tempo verbal**: Na parte narrativa da ação parabólica, como se devia esperar, aparecem tempos no passado; mas chama a atenção a quantidade de verbos no tempo *aoristo* (só em Mc 12.13-17, são 6 ocorrências deste tempo verbal). Na parte dos diálogos o tempo presente é predominante (7 vezes neste texto).

d) **Tipos de frase**: parece ser característico das ações parabólicas, ou uma **pergunta retórica** (Compreendeis o que vos fiz? – Jo 13.12; Não está escrito: a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos? – Mc 11.17), ou uma **sentença declarativa** (Nunca jamais coma alguém fruto de ti! – Mc 11.14; Tende fé em Deus, porque em verdade afirmo que, se alguém disser... – Mc 11.22-23), ou ainda ambas. Na perícopes em análise, pode-se perceber ambas: “de quem é esta imagem e inscrição?” (pergunta retórica) e “deem a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus” (sentença declarativa).

e) **Semântica**: obviamente, a semântica é relativa a cada relato de ação parabólica, mas pode-se perceber a presença de verbos que denotam movimento, especialmente na parte narrativa, como por exemplo *ἀποστέλλω*, *ἔρχομαι* ou *φέρω*. A conjunção *καί* também é muito frequente na parte narrativa das ações parabólicas (8 vezes no relato da ação parabólica do pagamento do tributo); esta conjunção ajuda na estrutura interna da narrativa da ação, e dá a ideia de movimento.

f) **Metaníveis**: segundo Stählin, as ações parabólicas têm uma dupla ou tripla função. Para ele, esta dupla ou tripla função pertence à essência da ação parabólica.<sup>60</sup> É justamente este o ponto central da questão em estudo, ou seja, a descoberta do significado especial do texto. Perguntas retóricas (como “*compreendeis o que vos fiz?*”, em João 13.12) ou sentenças declarativas (como “*Nunca jamais coma alguém fruto de ti!*” em Marcos 11.14) são indicadoras da existência de metaníveis.

<sup>57</sup> STÄHLIN, 1953, p. 10.

<sup>58</sup> BALLARINI, Teodorico; BRESSAN, Gino. **O profetismo bíblico**: uma introdução ao profetismo e profetas em geral. Tradução de Oswaldo Antônio Furlan. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 53.

<sup>59</sup> Para mais informações sobre este gênero literário, sugere a leitura de: KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos**. Curitiba: ADSantos, 2018.

<sup>60</sup> STÄHLIN, 1953, p. 18.

Nesta perícopie, o centro da mensagem está na sentença declarativa final de Jesus (“o que é de Cesar deem a Cesar”) acrescido da resposta à pergunta que nem sequer foi feita: “e a Deus o que é de Deus” (v 17). Precisa-se então fazer a pergunta: e “o que é de Deus?” Numa análise superficial, poder-se-ia chegar rapidamente a uma conclusão falaciosa à qual muitos têm chegado: se para Cesar devemos pagar os impostos, a Deus precisamos pagar os tributos correspondentes (dízimos e ofertas). Embora seja verdade que os cristãos têm suas responsabilidades com dízimos e ofertas que devem ser levados à casa do Senhor, parece não ser esta a questão que está presente neste texto.

O que está claro no texto é que aquilo que possui a imagem e a inscrição de Cesar devem ser entregues a ele, pois pertencem a ele. Da mesma forma, o outro lado da mesma verdade, numa espécie de paralelismo que possui um aspecto não explicitamente expresso, pode-se concluir com toda tranquilidade: **“Aquilo que possui a imagem (eikon) de Deus, deem (ou devolvam) a Deus”**. É o ser humano que possui a imagem de Deus em si, portanto, pelo paralelismo contido na ação parabólica de Jesus, é o próprio ser humano, enquanto entrega a Cesar o que lhe é devido, deve entregar a si mesmo a Deus, por possuir a imagem de Deus em si.

Neves corrobora com esta ideia, afirmando que “Jesus foi além. Ele mostrou que aquilo que tem a imagem de Deus, isto é, a nossa própria vida, deve ser entregue a Deus, pois pertence a Ele!”<sup>61</sup> Igualmente Joel Markus, citando Bornkamm, menciona sobre essa associação: “A moeda que traz a imagem de César, devemos a César. Nós, porém, como homens portadores da imagem de Deus (cf. Gn 1,26), devemo-nos a Deus”.<sup>62</sup>

Alguns procuram discutir neste texto a questão da união ou separação da igreja e do estado. A palavra de Jesus parece sugerir separação. Mulholland, entretanto, alerta que isso não deve ser confundido com exclusividade ou funções isoladas. Citando Lane, ele afirma que “os deveres em relação a Deus e a César, mesmo que distintos, não estão completamente separados, mas unidos e governados pelo princípio superior de se fazer a vontade de Deus em todas as coisas”.<sup>63</sup>

Pode-se dizer que “a resposta de Jesus é praticamente: Não tente fazer com que um dever exclua outro, mas cumpra um de modo a estar em harmonia com todos os demais”.<sup>64</sup>

Ainda sobre “as coisas de Deus”, Gundry afirma que para Jesus, elas são a necessidade divina de seu sofrimento, rejeição e morte (ver 8.33 com 8.31); e logo após mencioná-las, ele convocou a multidão a negar-se a si mesma, a tomar suas cruzes e a segui-lo, ao possível custo de suas vidas (8.34-38). Para o seu público lá e aqui, então, as “coisas de Deus” consistem na obrigação divina de seguir Jesus dessa maneira.<sup>65</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da perícopie do tributo a César em Marcos 12.13-17 revela não apenas uma narrativa histórica, mas também uma interessante ação parabólica realizada por Jesus. Esta ação, embora aparentemente simples, carrega uma riqueza de significado e ensinamentos que impactaram os ouvintes de Jesus e, com certeza, os leitores dos Evangelhos.

Primeiramente, a contextualização da passagem revela os motivos ocultos por trás das perguntas dos fariseus e herodianos. Eles não estavam realmente interessados na resposta de Jesus, mas sim em prendê-lo em uma armadilha. No entanto, Jesus não apenas os desafia com sua resposta, mas também os expõe como hipócritas ao mostrar que eles próprios estão envolvidos nas transações financeiras com os romanos.

A resposta de Jesus, “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, vai além de uma

<sup>61</sup> NEVES, 2008, p. 176.

<sup>62</sup> MARKUS, 2009, p. 818.

<sup>63</sup> MULHOLLAND, 1995, p. 184.

<sup>64</sup> GOULD, Ezra P. *A critical and exegetical commentary on the gospel according to St. Mark*. Edinburg: T. & T. Clark, 1969, p. 227.

<sup>65</sup> GUNDRY, 1992, p. 694.

simples orientação sobre o pagamento de impostos. Ela revela uma profunda compreensão da relação entre o poder secular e o divino, destacando a importância da obediência às autoridades terrenas, desde que não contradigam os mandamentos de Deus. Essa ideia é reforçada pelo fato de que o próprio Jesus reconhece a autoridade de César ao aceitar a moeda romana como meio de pagamento, mas também ressalta a primazia da autoridade divina ao acrescentar a segunda parte de sua resposta.

A análise da passagem como uma ação parabólica enriquece ainda mais seu significado. Ao invés de simplesmente transmitir uma mensagem verbal, Jesus usa sua interação com os fariseus e herodianos como uma forma de ensinamento não verbal. Sua escolha de palavras e ações é cuidadosamente planejada para transmitir uma verdade mais profunda sobre a relação entre o ser humano e Deus.

Nesse sentido, a expressão “Dai a Deus o que é de Deus” não se limita apenas ao pagamento de uma espécie “tributos espirituais”, como dízimos e ofertas, mas aponta para a própria essência da humanidade. Ao reconhecer que o ser humano é criado à imagem de Deus, Jesus está implicitamente afirmando que toda a vida pertence a Deus e deve ser dedicada a Ele. Assim, a mensagem subjacente é que, enquanto os seres humanos devem cumprir suas responsabilidades terrenas, eles também devem lembrar sua responsabilidade maior de viver em conformidade com a vontade de Deus e refletir Sua imagem no mundo.

Essa reflexão sobre a questão do tributo como uma ação parabólica de Jesus nos leva a considerar não apenas nossas obrigações terrenas, mas também nossa responsabilidade espiritual e moral. Assim como os fariseus e herodianos foram desafiados a olhar além de suas motivações egoístas e reconhecer a autoridade divina, nós também somos chamados a dedicar nossa vida e nossas ações a Deus, refletindo Sua imagem em tudo o que fazemos.

Assim como em várias situações descritas nos Evangelhos, neste episódio mais uma controvérsia foi apresentada para apanhar Jesus em alguma contradição. Desta vez, os fariseus e herodianos, que foram enviados a Jesus com essa tarefa, ficaram pasmosos diante de Jesus. A armadilha deles falhou. Eles não puderam acusá-lo de defender Roma e também não de que Ele se opôs a Roma. Não conseguiram tirar sua liberdade e nem sua autoridade.

E, ao final de tudo, o que era para ser uma armadilha, transformou-se num profundo apelo à conversão. Sim, é verdade que quem usufrui das coisas do império de Cesar (inclusive carrega consigo as moedas com a imagem e inscrição do imperador), tem suas responsabilidades para com Cesar. Mas é igualmente verdade, que quem carrega a imagem (*eikon*) de Deus (cf. Gn 1.26), deve entregar-se a Deus. Essa verdade foi proclamada de forma retumbante por Jesus na ação parabólica da questão do tributo (Mc 12.13-17).

Em suma, a análise da questão do tributo como ação parabólica de Jesus nos convida a uma profunda reflexão sobre nossa relação com Deus e com o mundo ao nosso redor. É um lembrete poderoso de que nossa vida pertence a Deus e deve ser vivida de acordo com Sua vontade, mesmo enquanto cumprimos nossas responsabilidades terrenas. Essa mensagem continua relevante e inspiradora para os cristãos de todas as épocas, desafiando-nos a vivermos com integridade e devoção em todos os aspectos de nossas vidas.

## REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, Eliseo Pérez. **Marcos**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2007.

BALLARINI, Teodorico; BRESSAN, Gino. **O profetismo bíblico**: uma introdução ao profetismo e profetas em geral. Tradução de Oswaldo Antônio Furlan. Petrópolis: Vozes, 1978.

BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos**. Tradução de Jaldemir Vitorio e Giovanni di Biasio. São Paulo: Loyola, 1990.

BECK, T.; BENEDETI, U.; BRAMBILLASCA, G.; CLERICI, F.; FAUSTI, S. **Uma comunidade lê o**

**Evangelho de Marcos.** Brasília: CNBB, 2019.

**BÍBLIA DE ESTUDO ARQUEOLÓGICA.** Tradução de Claiton André Kunz, Eliseu dos Santos e Marcelo Smargiase. São Paulo: Vida, 2013.

**BÍBLIA. Nova Versão Internacional.** São Paulo: Vida, 2000.

BORTOLINI, José. **O evangelho de Marcos:** para uma catequese com adultos. São Paulo: Paulus, 2003. (Série: Bíblia e cotidiano).

COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Edit.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento.** Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COLLINS, Adela Yarbro. **Mark:** a critical and historical commentary on the Bible. Minneapolis: Fortress, 2007.

EVANS, Craig A. **Mark 8:27 – 16:20.** Nashville: Thomas Nelson, 2000. (World biblical commentary).

FOHRER, Georg. **O gênero dos relatos sobre atos simbólicos dos profetas.** In: PROFETISMO: coletânea de estudos. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

FRANCE, R. T. **The gospel of Mark:** a commentary on the Greek text. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.

GOULD, Ezra P. **A critical and exegetical commentary on the gospel according to St. Mark.** Edinburg: T. & T. Clark, 1969.

GUNDRY, Robert H. **Mark:** a commentary on his apology for the cross. Grand Rapids: Eerdmans, 1992.

HENDRIKSEN, William. **New Testament commentary:** the gospel of Mark. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1976.

KRÜGER, René; CROATTO, J. Severino. **Metodos exegeticos.** Buenos Aires: Publicaciones Educab, 1993.

KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos.** Curitiba: ADSantos, 2018.

KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus.** Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2022.

KUNZ, Claiton André. Método histórico-gramatical. In: **Via teológica,** Curitiba, Vol. 16, N°. 2, 2008, p. 23-53.

LENTZEN-DEIS, Fritzeo. **Comentario al Evangelio de Marcos:** modelo de nueva evangelización. Estella: Editorial Verbo Divino, 1998.

LOWN, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico grego-português do Novo Testamento:** baseado em domínios semânticos. Tradução de Wilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MARCUS, Joel. **Mark 8 – 16**: a new translation with introduction and commentary. New Haven and London: Yale University Press, 2009.

MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. **Marcos**: texto e comentário. São Paulo: Paulus, 1998. (Série: Comentários Bíblicos).

MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Vida, 2010.

MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos**: introdução e comentário. Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, 1995.

NESTLE, Erwin; ALAND, Kurt; NESTLE, Eberhard; ALAND, Barbara. **Novum Testamentum Graece**. 28. revidierte Aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2016.

NEVES, Itamir. **Comentário bíblico de Marcos**. São Paulo: RTM, 2008.

**NOVO Testamento interlinear grego-português**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

OMANSON, Roger L.; SCHOLZ, Vilson. **Variantes textuais do Novo Testamento**: análise e avaliação do aparato crítico de ‘O Novo Testamento Grego’. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos**. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento grego**. Tradução de Gordon Chown e Júlio P. Tavares Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1988.

ROBERTSON, Archibald Thomas. **Imágenes verbales en el Nuevo Testamento: Mateo y Marcos**. Terrassa (Barcelona): CLIE, 1988. Vol. 1.

SCHNIEWIND, Julius. **O evangelho segundo Marcos**. Tradução de Ilson Kayser. São Bento do Sul: União Cristã, 1989.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000.

STÄHLIN, G. Die Gleichnishaendlungen Jesu. In: **Kosmos und Ekklesia**: Festschrift fuer Wilhelm Staehlin zu seinem siebzigsten Geburtstag, 24/09/1953. Tradução de Heinz Dietrich Wendland. Kassel: Johannes Stauda Verlag, 1953.

STEIN, Robert H. **The method and message of Jesus’ teachings**. Philadelphia: Westminster, 1978.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. 2.ed. São Leopoldo e São Paulo: Sinodal e Paulus, 2001.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -  
4.0 Internacional